a questão histérica no meio do caminho[1]

Marcia de Assis

O que é uma mulher? Eis a questão que se apresenta, seja nos sujeitos histéricos masculinos, seja nos femininos[2]. Questão que também é posta na versão: "Sou homem ou sou mulher?". Esta se põe à mostra no ataque histérico: "com uma das mãos ela aperta o vestido contra o ventre (no papel da mulher) e com a outra tenta arrancá-lo (no papel do homem)"[3]. Os sintomas e ataques histéricos expressam a realização da fantasia e do desejo inconscientes.

O sujeito histérico encena, ao mesmo tempo, os dois papéis. Ou seja, assume tanto o papel ativo quanto o papel passivo, utilizando-me da terminologia de Freud. Em sua conferência sobre a feminilidade[4], Freud fez uso da expressão "enigma feminino", em parte derivado da bissexualidade na vida da mulher, mas não somente, pois há outra questão: a libido. Nessa mesma conferência, disse haver uma só libido: a masculina, não se justificando, portanto, o uso da expressão libido feminina.

Faço aqui uma equivalência entre o que foi dito por Freud e o que disse Lacan. São momentos distintos, mas não contraditórios, cabendo, portanto, a equivalência. Onde Freud deixou o germe, Lacan foi lá recolher. Seguiu adiante, apresentando-nos o Outro gozo, o gozo feminino. Uma mulher se duplica, pois é não-toda na lógica fálica. Apresentou-nos ainda as fórmulas quânticas da sexuação[5]:

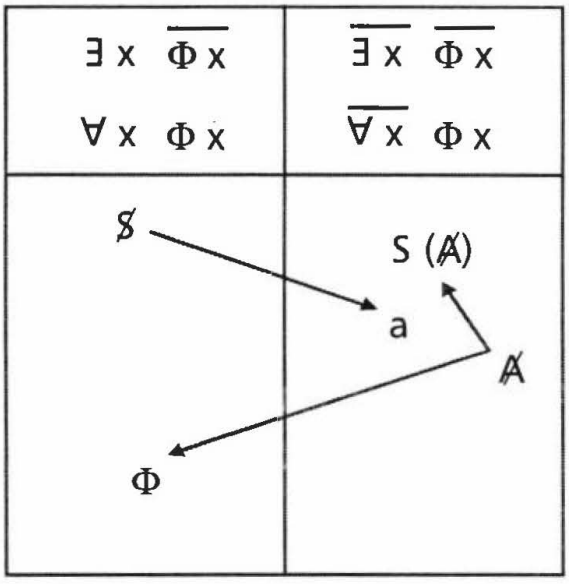


Figura 1. Fórmulas quânticas da sexuação

[1] Parte deste trabalho foi apresentado no Colóquio da EPCL-Fórum Rio. Histeria: sujeito, corpo, discurso, I. Rio de Janeiro, 2003.

[2] Lacan. *O seminário – livro 3: As psicoses (1955-1956)* (1998, p.197 e 204).

[3] Freud. Las fantasias histéricas y su relación con la bisexualidad (1908/1986, p.147).

[4] Freud. Nuevas conferencias de introducción al psicanálisis (1933/1986, p.121-122).

[5] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973)* (1985, p.105).

A Figura 1 mostra que uma mulher pode assumir tanto a posição masculina como sujeito barrado e falante, no lado esquerdo do quadro, quanto uma posição feminina, no lado direito. Assim, é possível entender por que não há uma libido feminina, posto que uma mulher, estando na posição feminina, lá não está como sujeito.

Minha proposta neste trabalho é falar do tipo clínico, a histeria, suas manobras e estratégias, por meio de fragmentos da clínica, com as particularidades e complexidades da posição histérica, antagônica à posição feminina. A histérica se questiona sobre o enigma feminino encarnado na Outra mulher identificando-se com o mestre castrado, como Dora, que, ao se identificar com o pai impotente, interessa-se pela Sra. K. A partir do seminário *O avesso da psicanálise*, Lacan passa a utilizar a expressão "mestre castrado". Encontrava-se às voltas com os discursos. Penso que mestre castrado tenha a ver com a posição que este ocupará no discurso histérico:

$$\frac{\not{S}}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Figura 2. Discurso da histérica[6]

[6] Lacan. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)* (1992, p.37).

Ela, a histérica, quer um mestre sobre o qual ela reine e ele não governe[7]. O que não quer dizer, no entanto, que uma histérica esteja sempre no discurso histérico. Não é disso que se trata. Ela pode estar em outro discurso, como, por exemplo, no discurso do Mestre, fazendo-se representar por um significante: "namorada de Pedro", "princesa do papai". Mas, para que uma análise se inicie, ela terá se posicionado no lugar de agente, sujeito dividido por uma questão sobre o desejo, endereçando sua questão ao mestre, sujeito suposto saber a resposta. Ela demanda deciframento. É a histérica em sua dupla face: enigma e esfinge. "Decifra-me ou te devoro". Eis a demanda endereçada ao mestre: produza um saber sobre a verdade do meu gozo... mantendo-o impotente. No entanto não é desse lugar que o analista vai dirigir o tratamento. Pois é quando não responde às demandas que faz surgir a dimensão do desejo. Não é do lugar de mestre que um analista irá dirigir o tratamento, e sim ao se posicionar no lugar de agente do discurso do analista, se fazendo semblante de objeto *a*, devolvendo a questão (o que sou?) ao sujeito para que este produza seus significantes, os S_1 que o determinaram.

[7] *Ibid.*, p.122.

A estratégia da histeria, tratando-se de uma neurose, é negar a castração, fazendo consistir o Outro não barrado. Negar

a falta no Outro... parece paradoxal, já que a histérica está sempre denunciando a impotência do mestre. Recobre porém, com suas demandas, a falta de um significante para dizer A mulher que não existe. Ela preenche o desejo do Outro com suas demandas insaciáveis. Demanda de amor. E é nesse campo, do amor, que muitos impasses e dificuldades irão surgir. Inúmeras serão as concessões e complicações no terreno amoroso, pois ela espera que o amor de um homem lhe dê um valor fálico, identificatório. E, para isso, fará concessões sem limites, do seu corpo, seus bens. É preciso lembrar ainda que, para todo sujeito, o amor pode vir a escamotear a relação sexual que não existe.

Em se tratando de uma histérica, as complicações não são poucas, e tem de ser levado em conta que a perda do amor para as mulheres é o equivalente ao horror à castração sentido por eles. Elas buscam no amor um signo identificatório, um lugar. "A menina compreende bem depressa que sua identidade sexual não pode existir sem estar correlacionada ao desejo masculino"[8]. Isso quer dizer: o homem dá a ela o lugar de objeto. A posição da histérica é a de recusa desse lugar, mesmo se prestando a isso. Não quer dizer uma recusa ao ato, embora algumas cheguem a esse extremo. Ela se identifica com a falta, não com o objeto. Cultua a falta, pois aí irá desenvolver sua estratégia: sustentar o desejo do pai castrado, desejo sempre insatisfeito. Se identifica ao homem que deseja uma mulher da qual não se pode gozar sexualmente, interessando-se pelo objeto que esta é para ele. Há, portanto, uma diferença entre a posição histérica e a posição feminina, esta resultante de um percurso, às vezes longo, de um giro no discurso. Estando na posição feminina, se presta à perversão do homem, ao seu fantasma[9]. Ou seja, se faz semblante de objeto causa de desejo. Portanto a posição feminina é análoga à posição do analista.

[8] Soler. *As variáveis do fim da análise* (1993, p.129).

[9] Lacan. *Televisão* (1974/1993, p.71).

Passarei aos relatos de casos clínicos com suas nuances e matizes diversos, ou seja, nesses recortes da clínica apresentarei uma a uma, posto que só assim é possível.

Manuela chegou ao consultório aos 22 anos, apresentando o seguinte quadro: "Como até vomitar, o que estou fazendo comigo?". Encontrava-se nesse estado desde o término de um namoro que durara dois anos, descritos como os mais felizes de sua vida. Atualmente, ele está com outra. Manuela foi lançada no vazio: O que sou? Perdera a identidade provisoriamente adquirida: a namorada de Pedro. Busca no amor de um homem um lugar que a identifique. Por estar não toda no gozo fálico, não pode se valer desse gozo funcionando como *performance*.

Há um gozo Outro que, longe de identificar, contribui para redobrar o desvanecimento do sujeito[10]. Diz-se bulímica desde seus 13 anos, por força da profissão: atriz e modelo fotográfico. Quando a analista pede que associe o significante bulimia a outro, Manuela diz: "bololô". Esse novo significante retorna em outra sessão. Ao relatar uma discussão que teve com sua mãe e com a irmã mais velha, define o episódio com a frase: "Foi um bololô". E continua: "um grande rolo... nós embolados... ela está sempre querendo o que eu quero, quer fazer as mesmas coisas, aliás, resolveu fazer análise e me pediu seu telefone, mas eu gritei: 'A mesma analista, não! Já basta ter a mesma mãe!".

[10] Soler. As variáveis do fim da análise (*op.cit.*, p.161).

Nós = eu e ela; ela e eu; eu ou ela; ela ou eu. Aí está a estrutura do fantasma, da fantasia fundamental. O sujeito barrado em todas as relações possíveis com o objeto *a*. Nós embolados, como bem definiu a analisante, para fazer consistir o Outro: ela = mãe, irmã, a outra do ex-namorado, a analista... a Outra Mulher. O neurótico veste o outro, o semelhante, o outro da rivalidade imaginária, com o manto do Outro. É o que faz Manuela, dando à sua irmã o manto de Rainha. Comenta seu sonho de encenar a peça "Vestido de noiva", de Nelson Rodrigues, principalmente a cena da discussão entre Lúcia e Alaíde, duas irmãs. Na peça, Alaíde rouba o noivo de sua irmã, Lúcia, tornando-se a Outra para esta. É a personagem Lúcia que Manuela diz querer encarnar para "dizer umas verdades a ela". Após a intervenção da analista, "O que você quer dizer à sua irmã?", Manuela se dá conta de estar sempre envolvida num triângulo amoroso: "Como não enxerguei antes?". Ao dizer isso, se lembra dos pais: "Por que me lembrei deles dois agora?". Relata ser resultado de uma gravidez indesejada. Seus pais haviam combinado não ter mais filhos, portanto, quando sua mãe deu a notícia ao marido, ele ficou muito irritado. Discutiram e ele resolveu sair de casa. À mãe restou escolher entre manter a gravidez ou manter o marido. Escolheu esse último. Foram inúmeras tentativas de aborto, malsucedidas, é claro. E o resultado é um sujeito que, à questão "O que Ela quer de mim?", responde com a fantasia: uma menina é largada. Nos triângulos amorosos nos quais se vê envolvida, embolada, sua posição é de excluída, preterida, deixada... largada. O objeto/dejeto deixado de lado, largado. Na análise, revive seu drama. Quando outra analisante foi chamada pela analista antes dela, sentiu-se deixada de lado.

Aprisionada na fantasia, ocupa o lugar da preterida. A mãe prefere a irmã, o namorado preferiu a outra, escolheram outra

atriz para o papel principal. Com eles, os homens, um relacionamento menos problemático, mas não de todo. Deles vem o traço identificatório. Amante dos livros como seu pai, o amor pelo piano... um amor edipiano. Com seu irmão mantém um convívio amistoso. São da mesma turma de amigos, sendo a única menina do grupo. Mas há um obstáculo: a erotização presente nos olhares dos amigos, do irmão, dos amigos de seu pai... Eis o obstáculo e os danos causados em sua vida profissional. Em uma sessão de fotos, sente-se mal, enjoada: "Detesto essa exposição excessiva. Me sinto uma mercadoria exposta na vitrine". O olhar que vem do Outro, causa de desejo e angústia.

O significante bololô ainda se desdobra... o bolo. O primeiro pedaço de bolo que ofereceu ao pai na festa de seu aniversário. Manuela encontrou o bolo largado em cima do piano. Associou essa recordação a uma outra, quando, na infância foi largada na escola... ninguém se lembrou de buscá-la. E ainda quando ficou triste e angustiada pois presenciara uma cena horrível. Estava no ponto de ônibus e, em frente, em uma lanchonete se desenrolou a cena: "Uma menina pedia algo aos fregueses que entravam. Muitos nem olhavam para ela, como se fosse um objeto qualquer. Foi me dando uma tristeza, um nó na garganta! Que mãe é essa que larga sozinha essa menina? Fiquei olhando para ela, chorando". Perguntei quem chorava e ela respondeu: "Aquela menina... era eu". Talvez possamos suspeitar que era ela, Manuela, o objeto, dejeto perante o gozo do Outro. Posição masoquista do segundo tempo da fantasia. Daí o horror, a angústia! A fantasia do neurótico é sempre perversa. O que levou Lacan a dizer que a neurose é uma perversão falha[11]. Fala-nos ainda sobre a posição do masoquista, no seminário sobre a angústia[12]: identificado ao cão debaixo da mesa, à mercadoria, "sua identificação com o objeto de troca é o caminho por onde busca o impossível: apreender-se pelo que é, pois, como todos, ele é um *a*".

Dayse, trinta anos, inquieta-se com a possibilidade de o parceiro se envolver com outra mulher. Essa, no entanto, é sua fantasia. Quando o marido lhe confessou sentir tesão por outras mulheres, entre elas uma amiga do casal, Dayse se deu conta de que gostaria de vê-lo com a Outra. "A histérica oferece a mulher, em quem adora seu próprio mistério, ao homem cujo papel ela assume, sem dele poder usufruir"[13].

Dayse relata uma cena da infância, quando observara uma movimentação estranha: sua mãe guardando coisas em sacolas, bolsas. Perguntou-lhe o que estava fazendo, mas sua mãe permanecia calada: "Ela é omissa, submissa. Se tivesse gri-

[11] Lacan. *O seminário: R.S.I. (1974-1975)* (Inédito: aula de 18 de fevereiro de 1975).
[12] Lacan. *O seminário: A angústia (1962-1963)* (Inédito: aula de 16 de janeiro de 1963).

[13] Lacan. A psicanálise e seu ensino (1957/1998, p.453).

tado, chorado, talvez eu não tivesse ficado para trás". Eis seu drama, e Dayse irá repeti-lo em vários outros momentos. Durante a longa viagem dos pais, ficou aos cuidados dos avós. Era a coisinha bonitinha do vovô, mas não era vista da mesma maneira pela avó, reeditando seu drama.

Atualmente casada com um viúvo, faz encarnar na falecida A mulher. Tal qual Dora, que faz encarnar na Sra. K. a Outra Mulher, Dayse admira o retrato da Outra, fascinada. Um dia ouviu seu marido comentando com um amigo seus planos de viagem. Sentiu-se excluída, pois ele utilizava o pronome eu, em vez de nós. Ela desceu o barraco. Na sessão, comentou: "Fiz uma grande besteira, ontem. Depois me arrependi. É sempre assim. Às vezes é por uma coisinha de nada!". Intervenho: "Uma coisinha de nada". E Dayse derramou-se em lágrimas. Comentou que sua mãe nunca a elogia. "É como se eu não tivesse valor, o que eu faço não vale nada".

Dayse passa a relatar suas experiências sexuais: "A primeira vez foi horrível! Me senti um lixo nojento. E as seguintes não foram melhores. Me sentia indo para o abatedouro. O mal-estar que me causa é pensar nisso: 'O que sou para ele? A refeição?'. É como se estivesse me oferecendo e me servindo em uma bandeja". Bonitinha, mas uma coisinha de nada. Um falo coisinha de nada velando a castração do Outro. No (des)encontro com o sexo, se oferece em uma bandeja, mas recua, se furtando ao prazer.

Na sessão seguinte, relata o sonho que teve com Gilda, a falecida: "O estranho era que nós tínhamos uma relação mãe e filha". Perguntei como é essa relação mãe e filha. A resposta foi enfática: "Horrível. Foi por isso que saí cedo de casa, fui morar sozinha, pois duas mulheres na mesma casa, não pode!"

"Duas mulheres", pontuei. E Dayse continuou: "Naquela época pensava ser mulher, me vestia como tal... agora me vejo como uma menina que se pergunta: o que é uma mulher?".

Carla, 32 anos, chegou se queixando do relacionamento entre ela e o filho: "Não quero ficar igual a meu pai". Age perante seu filho como seu pai fazia. A identificação com o pai é denunciada ainda por meio de um lapso cometido por ela. Ao falar de seu aniversário, troca as datas e diz a do pai. Deste, tem muitas queixas, inclusive as outras mulheres e os casos extraconjugais. No entanto os parceiros escolhidos seguem o modelo paterno: "Galinhas, metidos a garanhões, com um ar de Don Juan". E assim ela está sempre às voltas com a Outra mulher. Um deles havia se separado da mulher, uma européia que retornou ao Velho Mundo. Embora ausente, sempre esteve

entre os dois. Para Carla, assim como para a Bela Açougueira, o homem com órgão e o mestre castrado[14] são o mesmo, diferentemente de Dora, para quem há dois homens no seu balé a quatro. São dois: Sr. K, o homem com órgão, e seu pai, o mestre castrado. Para Carla, seu pai é tanto o homem com órgão quanto o pai castrado, e ela se identifica com ele duplamente, pela via do desejo e pela via especular, sendo que, mais tarde, seus namorados assumem esse lugar, cada um a sua vez.

Também Carla busca no amor de um homem o traço identificatório. Porém utiliza a estratégia da sedutora. Bela e provocante, incita, provoca os olhares, as cantadas e declarações. No entanto essa é uma estratégia, "não do coito interrompido, mas do amor interrompido"[15]. Pois no amor há um limite. É possível entender esse limite seja perante o ilimitado do gozo Outro, o gozo suplementar na mulher, seja porque há sempre um limite ao velamento da não-relação sexual.

Curiosamente, a queixa inicial, além de indicar a identificação com as insígnias paternas, também indica a questão: "O que é ser mãe?". Essa questão vai se desdobrando no desenrolar da análise. Questionando o relacionamento mãe-filha em sua família, conclui: "As mulheres da minha família são um terror!". Apesar dos significantes paternos (duro, áspero, rude), Carla diz não temer o pai, e sim a mãe. "Com ele é mais simples porque sei o que esperar. Com ela, eu nunca sei. Tem duas caras, é hipócrita. Daí ser imprevisível". O que é uma mulher?

Carla fez sua entrada em análise ao comentar que falara muito sobre mim, despertando a curiosidade do namorado, que lhe perguntou: "Como ela é? É bonita? Por que não a convida para sairmos juntos?". Em outra sessão, troca o nome da analista pelo nome da ex-mulher de seu namorado. "Ih! Confundi você com ela! O que é isso?".

Dora, caso paradigmático da histeria[16], encontrava-se em um quadrilátero amoroso no qual se identificava ao Sr. K. para adorar a Outra mulher na figura da Sra. K. Nos casos relatados, a analista é colocada nesse lugar, da Outra mulher.

Para concluir, abordarei o matema da fantasia histérica apresentado por Lacan[17]:

$$\frac{a}{-\varphi} \lozenge A$$

O sujeito histérico se oferece de objeto falicizado, velando a castração do Outro, fazendo consistir A Mulher. Como Dora, que banca o desejo de seu pai impotente e, com essa manobra, materializa A Mulher que faz encarnar naquela a quem adora:

[14] Soler. *As variáveis do fim da análise* (*op.cit.*, p.152).

[15] *Ibid.*, p.185.

[16] Freud. Fragmento de análisis de un caso de histeria (1905), *op.cit.* Vol. VII.

[17] Lacan. *O seminário - livro 8: A transferência (1960-1961)* (1992, p.244).

a Sra. K. A análise vai na contramão. Se a analista é convocada a ocupar o lugar de Outro, coisa diferente é encarná-lo, porque impossível. E se há um saber do lado da analista, trata-se, ao menos, de saber dessa impossibilidade.

No início da análise, uma questão é colocada. Ao concluir, cessa o questionamento. Enquanto a histérica persiste em se interrogar, enquanto não cessar a questão "O que é uma mulher?", longe estará de tornar-se uma[18]. Há que desconstruir a resposta na qual se manteve aprisionada, mantendo o Outro consistente. Há um caminho a percorrer, uma travessia.

[18] Lacan. *O seminário - livro 3: As psicoses (1955-1956)* (*op.cit.*, p.204).



referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1905) Fragmento de análisis de un caso de histeria. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. Vol. VII.

FREUD, Sigmund. (1908) Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.Vol.IX.

FREUD, Sigmund. (1933) Nuevas conferencias de introducción al psicanálisis. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. Vol. XXII.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1957) A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário: A angústia (1962-1963)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1974) *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. *O seminário: R.S.I. (1974-1975)*. Inédito.

SOLER, Colette. *As variáveis do fim da análise*. Campinas: Papirus, 1995.

resumo

O presente trabalho aborda, com base na clínica, a posição histérica, antagônica à posição feminina – essa última resultante de um giro no discurso, da passagem do discurso histérico ao discurso do analista. Aborda ainda o lugar que é dado à analista na transferência, a quem se endereça a questão histérica: o que é uma mulher?

abstract

The present work, based on clinical fragments, approaches the hysterical position, antagonistic to the feminine position which results from a turn in the speech - from the discourse of the hysteric to the discourse of the analyst. It also approaches the place given to the analyst in the transference, to whom the following question is addressed: what is a woman?

palavras-chave

histeria, questão histérica, posição feminina

keywords

hysteria, histerical question, feminine position,